

O ENSINO DO GÊNERO DISCURSIVO EM REDAÇÕES DO ENEM: PROPOSTA(S) TEÓRICO-METODOLÓGICA(S)

Wilder Kleber Fernandes de Santana

Universidade Federal da Paraíba

Wildersantana92@gmail.com

Maria de Fátima Almeida

Universidade Federal da Paraíba

falmed@uol.com.br

Resumo: Um dos princípios da teoria formulada por Bakhtin e o círculo é o de que a linguagem consiste em uma atividade essencialmente social e heterogênea, a qual se apresenta perante o pesquisador de forma multifacetada, em sua dimensão plural, múltipla, densa. Nessa perspectiva, a linguagem é constituída socialmente pela alteridade, numa relação intersubjetiva mediada por múltiplos pontos de vista, os quais concretizam os diversos lugares sociais de circulação dos textos na esfera sócio-ideológica. Este estudo pretende analisar o gênero discursivo em redações do Enem, propondo formas de análise e construção textual, considerando a arquitetura discursiva, e estratégias linguístico-enunciativas que podem ser criadas pelo sujeito-autor para argumentar. Fundamentamo-nos na Teoria Dialógica do Discurso formulada por Bakhtin (2006, 2010, 2012), Medviédev (2016 [1928]) e Bakhtin/ Volochinov (2012 [1929]) e seus interlocutores, tais como Almeida (2013), Brait (2012). O procedimento metodológico apresenta bases para a construção do texto dissertativo-argumentativo, pautado em competências propostas pelo ENEM. Entende-se que, no gênero discursivo “dissertação argumentativa”, o sujeito-autor pode criar (no ato da comunicação e da interação verbal) efeitos de sentido desejados para que os leitores alcancem uma compreensão da construção textual, uma vez o foco não está na mensagem, e sim no “como” a mensagem está sendo produzida. Como resultados, temos a análise de trechos de uma redação dissertativa que atende aos princípios propostos pela teoria dialógica do discurso. Assim se dá o efetivo processo de constituição intersubjetiva no discurso educacional. As análises revelam que essa modalidade oferece aos participantes da sala de aula modos de interação entre autor, leitor e texto, e de produção de sentidos possíveis do texto em questão.

Palavras-chave: Linguagem. Gênero discursivo. Leitura. Interação. Redações.

1. Introdução

1.1 Da era formal à perspectiva dialógica

O percurso de produção filosófico-textual humana, especificamente os questionamentos levantados desde o “Início da Civilização Ocidental ou Aurora da História” (cf. BURNS, 1979, p.14) traz consigo variadas maneiras de conceber a noção de língua, e basta um pequeno olhar para percebermos algumas particularidades, e o porquê esta tem sido alvo de tantos debates entre os cientistas da linguagem. Assim, desde os gramáticos gregos aos linguistas modernos, torna-se perceptível um ativismo gradativo nos estudos linguísticos, de caráter teórico-metodológico.

Dentro do panorama de estudos sociológicos russos das primeiras décadas do século XX, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2012), ao apresentarem a linguagem como um fenômeno social e fruto da interação humana, posicionam-se criticamente a duas grandes tendências linguístico-filosóficas de sua época, por eles designadas como *objetivismo abstrato e subjetivismo idealista*, ambas fruto de uma perspectiva formal de abordagem da linguagem.

Na esfera da linguística, a primeira tendência tem como maior representante Saussure (1857-1913), enquanto a segunda, Humboldt ([1769-1859]. Saussure e Humboldt representam duas fortes tradições do pensamento linguístico filosófico que se firmaram, desde os pré-socráticos, em reflexões sobre a linguagem: a primeira traz a língua como expressão do pensamento, e a posterior a arquitetura como instrumento de comunicação.

Esses múltiplos horizontes da língua podem, a partir de uma perspectiva didática, formulada por Geraldi (1984), ser classificados em três grandes tendências, de acordo com os epítomes apresentados 1) a língua como expressão/representação do pensamento; 2) a língua como instrumento/ferramenta de comunicação e, por fim, 3) a língua como forma de interação. (SANTANA, 2017, p. 32).

Devido à limitação de discussão que se exige para a composição deste trabalho, o nosso enfoque incidirá na terceira concepção de língua, pois é de nosso interesse evidenciar a linguagem como fenômeno interativo-dialógico. Bakhtin/ Volochínov (2012) se situam nesta terceira vertente, em que a língua é compreendida como forma de *interação* entre os sujeitos socialmente organizados e historicamente situados. É à perspectiva dialógica que está vinculado nosso trabalho.

Um dos princípios da teoria formulada por Bakhtin e o círculo é o de que a linguagem consiste em uma atividade essencialmente social e heterogênea, a qual se apresenta perante o pesquisador de forma multifacetada, em sua dimensão plural, múltipla, densa. Nessa perspectiva, a linguagem é constituída socialmente, através da alteridade, numa relação intersubjetiva mediada por múltiplos pontos de vista, os quais concretizam os diversos lugares sociais de circulação dos textos na esfera sócio-ideológica.

Corroborando com a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem desenvolvida por Bakhtin e o círculo, no escopo do discurso educacional, este estudo pretende analisar o texto dissertativo-argumentativo enquanto gênero discursivo, pela ótica da teoria dialógica do discurso. Objetiva propor formas de análise e construção textual levando-se em conta a

arquitetônica discursiva, e estratégias linguístico-enunciativas que podem ser criadas pelo sujeito-autor para argumentar de forma a ter um posicionamento axiológico responsivo ativo.

Entende-se que, no gênero discursivo “dissertação argumentativa”, o sujeito-autor pode criar (no ato da comunicação e da interação verbal) efeitos de sentido desejados para que os leitores alcancem uma compreensão da construção textual, uma vez o foco não está na mensagem, e sim no “como” a mensagem está sendo produzida, levando-se em conta sua abordagem e seus tons valorativos. Para tanto, iremos analisar trechos de duas redações dissertativas: uma que atende aos princípios propostos pela teoria dialógica do discurso, e outra que não se enquadra em tais princípios.

A base teórica que fundamenta o nosso trabalho orientará a discussão e análise na perspectiva da abordagem da Teoria Dialógica do Discurso que reinsere no campo das produções filosófico-científicas a teoria formulada por Bakhtin (2006, 2010, 2012), Medviédev (2016 [1928]) e Bakhtin/ Volóchinov (2012 [1929]) e seus interlocutores no cenário das pesquisas desenvolvidas tanto no Brasil quando em esfera internacional, representados pelos trabalhos de Brait (2005). Assim se dá o efetivo processo de constituição intersubjetiva no discurso educacional.

Quanto à compreensão de gênero discursivo, há uma discussão em nível nacional acerca desta temática, em que seu conceito tem adquirido intensa visibilidade nos documentos oficiais de ensino/aprendizagem e também em materiais didáticos, e isso acarreta que os sujeitos que os mobilizam (ativamente) tenham a responsabilidade de considerar suas dimensões sócio-históricas e de produção discursiva.

Reconhecendo-se a amplitude alcançada pela dimensão (teórico-prática) do gênero discursivo, concordamos com Brait (2012, p. 371) sobre a necessidade de que haja “o reconhecimento de que, em suas múltiplas filiações, a concepção de gênero implica dimensões teóricas e metodológicas diferenciadas, cujas consequências para a compreensão de textos e discursos não podem ser ignoradas”. É então que, dentre as múltiplas e produtivas reflexões existentes, delimitamos o nosso arcabouço analítico conforme o que foi desenvolvido ao longo de várias décadas pelos trabalhos de Bakhtin (1895-1975) e de outros membros do Círculo, tais como Medviédev (1891-1938) e Volóchinov (1895-1936).

O conceito tradicional de texto (inclusive o dissertativo argumentativo), durante bastante tempo, privilegiou o estudo da forma, em que importava reconhecer apenas as estruturas morfossintáticas e semânticas, assim como sua distribuição enquanto *motivação*

para a inclusão de outros elementos da narrativa, como a fabulação (MEDVIÉDEV, [1928] 2016). Contrária a isso, nossa proposta de análise incidirá sobre o discurso abordado, sobre as enunciações do sujeito-autor, os esquemas de transmissão de linguagem, e suas condições reais de produção.

2. Texto dissertativo argumentativo enquanto gênero discursivo

Nossos primeiros passos serão em direção à conceituação de texto. Dentro da perspectiva formal do uso da língua, um texto passa a ser analisado por sua disposição estrutural, através de mecanismos de distribuição e localização espacial dentro da construção. Um conjunto de palavras, então, precisa obedecer a um critério de ordem mecânica, o que Medviédev ([1928] 2016), em suas críticas, designará de enfileiramento. Esse enfileiramento pode se dar tanto na poética quanto em grandes narrativas, e em cada uma o texto se dispõe de modo diferente. Desse modo, o sentido não tem importância dentro da perspectiva formal. Assim, “o significado da palavra é apenas uma motivação para o seu som. É possível não usarmos essa motivação...” (MEDVIÉDEV, [1928] 2016, p. 169). Desse modo, “Os formalistas realizam, com uma audácia absoluta, essa tendência a rebaixar tudo o que possui significado do ponto de vista ideológico ao nível de uma motivação substituível do procedimento”. (MEDVIÉDEV, [1928] 2016, p. 173).

Contrário a esse pensamento, estamos inseridos em uma perspectiva de compreensão do texto em que se observa o seu todo, sua arquitetura, seus sentidos múltiplos. A conceituação de textos a qual propomos é a de que, para ser texto, deve possuir sentido(s). Assim, frases agramaticais e incoerentes, como “bicicleta da a caiu menina” não seria um texto, mas um conjunto de palavras enfileiradas. Essa noção é ampliada dentro do horizonte das propostas de Bakhtin, que compreende o texto enquanto dado primordial das produções:

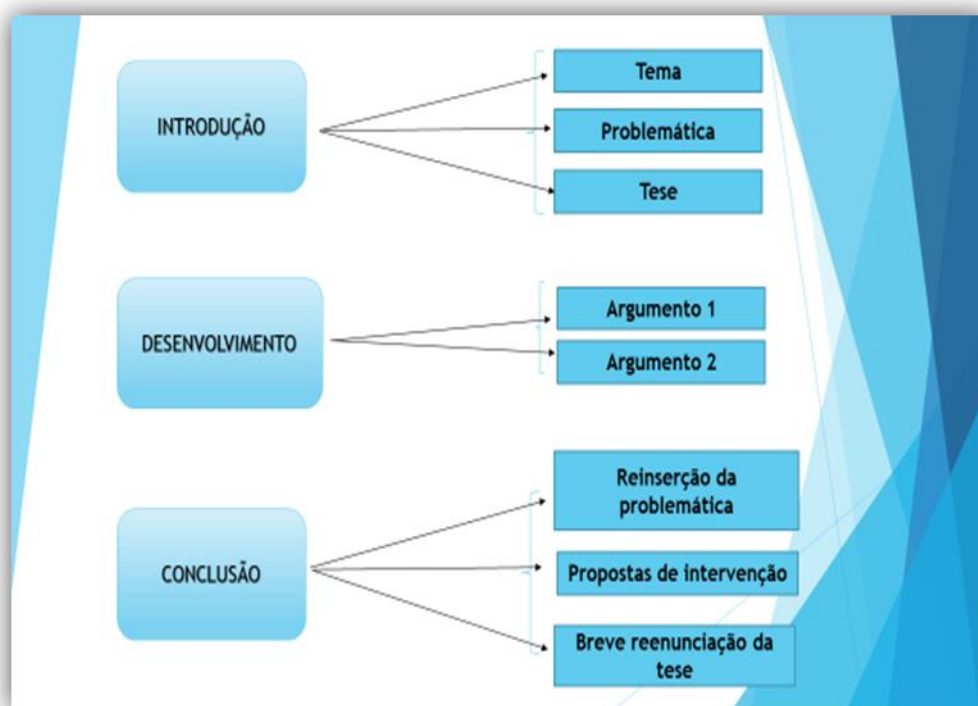
O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento. O texto “subentendido”. Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre

pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos. (BAKHTIN, 2006, p. 307).

O termo “coerência” é comum na perspectiva bakhtiniana de compreensão dos diversos textos (enunciados). De igual modo, as condições sócio-históricas de sua produção, ou seja, para que seja um texto, deve primeiro possuir sentidos, depois, relacionar-se com outros textos ou pensamentos.

De igual, observemos os sentidos atribuídos à palavra “argumentar”. Argumentar, na perspectiva dos gêneros do discurso, significa refletir sobre aquele assunto que é exposto, de forma que possamos, com nossos posicionamentos ativos, convencer o(s) outro(s). Logo, argumentar é criar estratégias textuais para persuadir uma outra pessoa sobre meu ponto de vista acerca de determinado assunto, sobre aquilo que estou escrevendo. Inseridos nessa linha de interpretação, vamos observar como seria a composição estrutural de um texto dissertativo-argumentativo enquanto gênero discursivo:

Quadro 1: Estrutura do Texto Dissertativo-Argumentativo



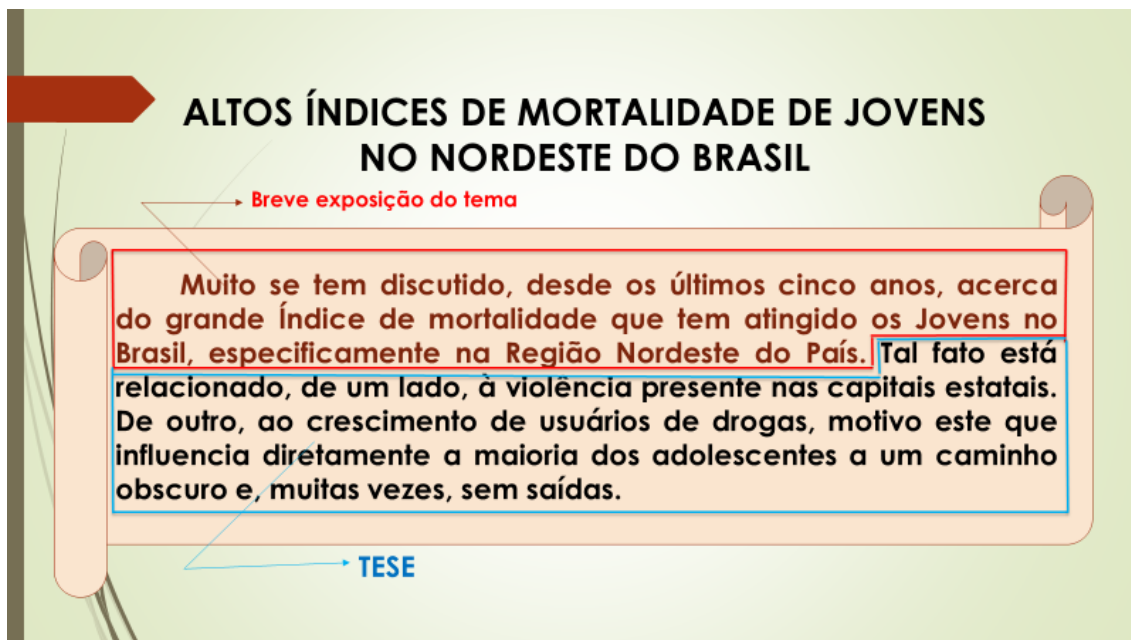
Fonte: quadro produzido por nós.

Em termos estruturais, geralmente, a Introdução é composta por quatro a sete linhas, no máximo. Os argumentos 1 e 2, cada um, podem/devem ser compostos, normalmente, por cinco a oito linhas, enquanto a conclusão, até seis linhas.

Com relação aos assuntos que serão discutidos, logo na introdução é o momento em que o sujeito-autor (o candidato, a pessoa que está escrevendo) deve expor, de forma geral, a temática de seu texto. Essa explanação do tema contém entradas lexicais que dependem da abordagem que será feita, para que possam ser introduzidas no texto. Caso remeta-se a fatos históricos, pode utilizar expressões como: “Historicamente...”, “No decorrer da História”, “Surgiu, no Iluminismo, o pensamento...” ou ainda “Muito se tem discutido sobre...”. Para materialização dessa nossa defesa, vejamos um exemplo de Introdução, e como foi construída.

2.1 Introdução do Texto Dissertativo-Argumentativo

Quadro 2: Introdução do Texto Dissertativo-Argumentativo



ALTOS ÍNDICES DE MORTALIDADE DE JOVENS NO NORDESTE DO BRASIL

→ Breve exposição do tema

Muito se tem discutido, desde os últimos cinco anos, acerca do grande índice de mortalidade que tem atingido os Jovens no Brasil, especificamente na Região Nordeste do País. Tal fato está relacionado, de um lado, à violência presente nas capitais estatais. De outro, ao crescimento de usuários de drogas, motivo este que influencia diretamente a maioria dos adolescentes a um caminho obscuro e, muitas vezes, sem saídas.

→ TESE

Fonte: quadro produzido por nós.

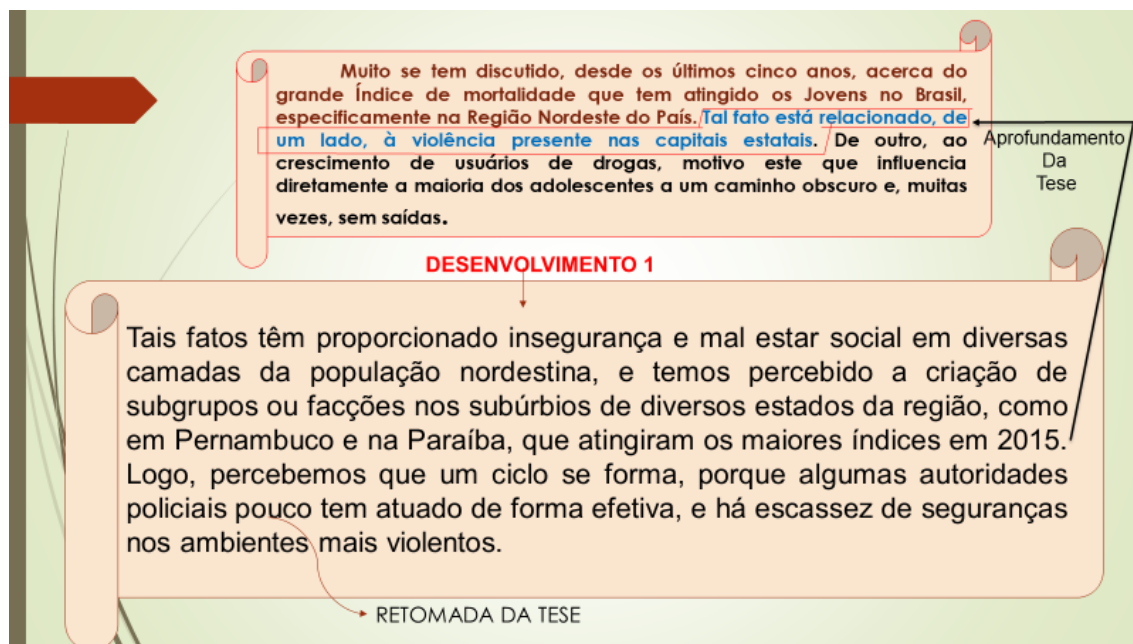
Após utilizar uma entrada lexical que esteja comungando com a exposição do tema proposto, recomenda-se que o autor apresente duas categorias essenciais: tempo e espaço.

Onde ocorre a minha discussão? Em alguma área específica do Brasil? Em que tempo está situada a minha problemática? Tais perguntas devem ser respondidas, para que o leitor esteja esclarecido da construção textual.

O segundo ponto-chave da Introdução é a tese. A tese é o modo como eu compreendo a problemática. Consiste no meu posicionamento diante do assunto que será abordado, é o meu ponto de vista, que deve ser exposto de modo impessoal. No caso acima, com relação aos altos índices de mortalidade de jovens no Nordeste do Brasil, a tese autoral é a de que esses altos índices se devem a dois motivos principais. O primeiro motivo, a violência presente nas capitais estatais. O segundo motivo, ao grande crescimento de usuários de drogas. A tese é constantemente recuperada e profundamente discutida no desenvolvimento. Vamos compreender como se constrói o desenvolvimento 1, ou o primeiro argumento.

2.2 Desenvolvimentos 1 e 2 do Texto Dissertativo-Argumentativo

Quadro 3: Desenvolvimento 1 do Texto Dissertativo-Argumentativo



Fonte: quadro produzido por nós.

Conforme se explana no quadro anterior, o desenvolvimento mantém contato direto com a tese. Ou seja, a construção do desenvolvimento depende do que o autor expõe em sua tese. Não pode haver informações, no desenvolvimento (que está sendo construído), de uma

perspectiva contrária ou diferente da tese (ideia, defesa) sustentada. Na medida em que o sujeito vai construindo seu desenvolvimento, nunca pode perder de vista o direcionamento de sua tese, pois é nesse momento em que os sentidos se entrecruzam.

Nesse caso, como um dos pontos da tese é o de que a mortalidade de jovens se dá por causa da grande violência, então, todo o primeiro desenvolvimento será arquitetado tendo como fundamento essa afirmação. Atente-se para o fato de que os argumentos utilizados no desenvolvimento devem ser claros e coesos, com fundamentações históricas, ou do cotidiano.

François (1990, p. 20) afirma que, numa sequência discursiva (palavras, ideias, tópicos), podem ocorrer vários movimentos do sujeito: “pode-se repetir identicamente o que o outro disse, pode-se reformular, pode-se acrescentar alguma coisa, pode-se estar de acordo ou não, pode-se encadear sobre o mesmo tema ou falar de outra coisa”. É nesse sentido que, na ótica de Almeida (2013, p. 75),

Isso revela a capacidade que tem o usuário na linguagem de reformular, modificar, esclarecer de outro modo, ou ainda: negar e afirmar, questionar ou dar ordens... falar de um tema implica assumir um lugar em relação ao seu interlocutor, ou seja, o sentido de qualquer enunciado é inseparável do lugar daquele que o pronuncia.

Toda a organização do texto deve levar em conta esses constantes movimentos do autor, assim como os deslocamentos que este faz, ao construir sempre termos com novos sentidos. Uma área a qual designaremos de campo temático (tema que não possui definição única), deve ser construída com base em três elementos imprescindíveis: “conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado e pressuposições” (FRANÇOIS, 1996, p. 110).

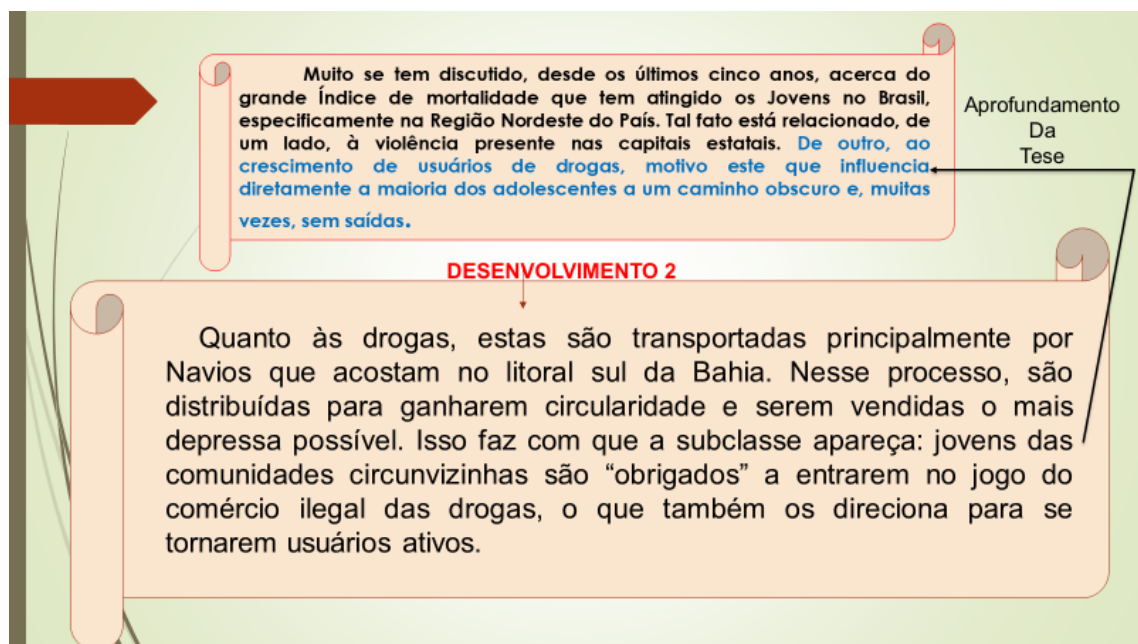
Mesmo que não haja explícito o “eu”, no texto dissertativo-argumentativo, ou seja, ainda que não seja coerente utilizar esse sintagma nominal, mas as próprias posições semânticas e pontos de vista tomados pelo autor são importantes para revelar o lugar de quem escreve. Ora, o que estou defendendo? Que posicionamento eu, enquanto autor, tenho, diante do tema que está sendo exposto? Se o defendo ou me posiciono contrário, que argumentos tenho para embasar minha tese? Essas são perguntas que devem ser respondidas ao longo da construção do texto dissertativo-argumentativo.

Ao construir o desenvolvimento, o autor não pode “criar” informações. Antes, deve recorrer a fatos existentes para justificar seus escritos. Portanto, o desenvolvimento é a parte

do texto dissertativo-argumentativo em que são expostos os argumentos, em defesa da ideia defendida pelo autor. É quando são sustentadas as ideias, os pontos de vista, através de fatos ou de eventos que aconteceram. Observemos que, de igual modo, o desenvolvimento 2 irá se reportar à tese. Nesse direcionamento, reiteramos a importância que tem, durante a construção textual, de se recorrer a fatores sociais, e de considerar suas dimensões sócio-históricas e de produção discursiva.

O desenvolvimento, portanto, da dissertação, constitui o instante de maior precisão na elaboração de ideias concisas, coerentes e coesas com a temática.

Quadro 4: Desenvolvimento 2 do Texto Dissertativo-Argumentativo



Fonte: quadro produzido por nós.

Os argumentos utilizados no segundo desenvolvimento, da mesma forma que no primeiro, devem ser construídos por um princípio de fidedignidade com relação à tese. Isso quer dizer, em outros termos, que ambos os argumentos que eu utilizo no processo do desenvolvimento, necessitam de um constante retorno à tese, para que sejam construídos.

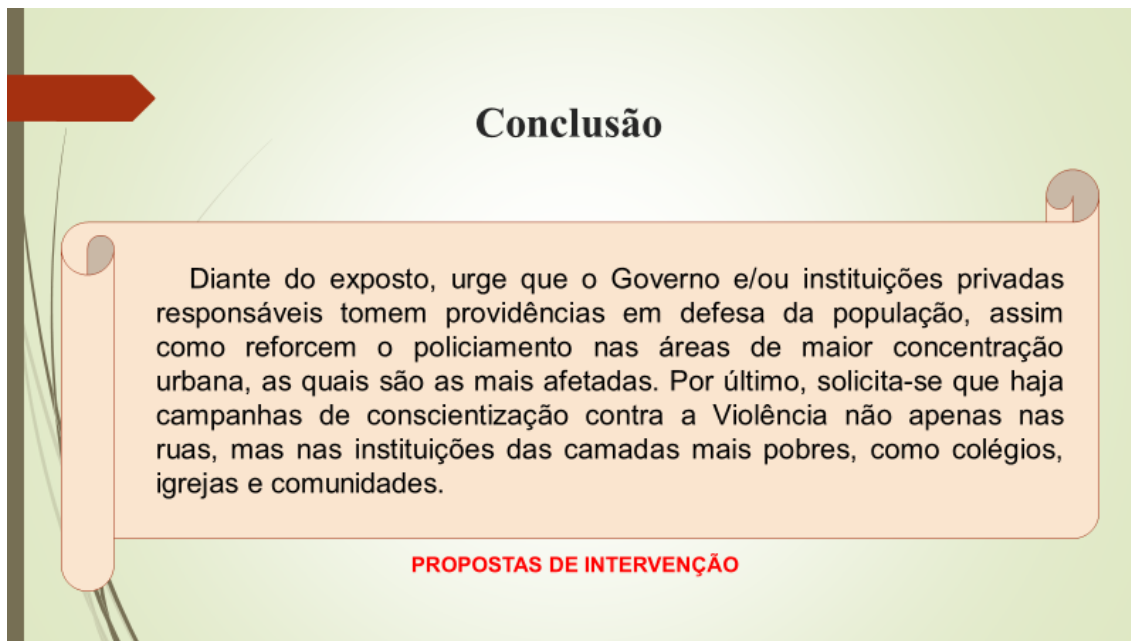
Com relação ao(s) leitor(es), reiteramos que a todo o instante o sujeito-autor (a pessoa que escreve) deve utilizar uma linguagem persuasiva, com argumentos fortes, que convençam seus destinatários sobre aquilo que está sendo exposto no desenvolvimento. Este é o instante da busca, das complementações, de relacionar suas ideias com outros campos do saber, como a História, a Filosofia, e a Literatura.

2.3 Conclusão do texto dissertativo-argumentativo

Por último, chegamos ao elemento textual que requer visitas aos elementos anteriores durante seu processo de composição: a conclusão. A conclusão consiste no desfecho, é o instante em que refletimos sobre aquilo que foi exposto, e onde nós criamos “propostas de intervenção”.

Durante Introdução (exposição geral do tema + tese) e desenvolvimento (argumentos persuasivos que demonstram um posicionamento acerca de uma problemática existente) são expostos alguns dos principais problemas que ocorrem em um determinado lugar, e em um tempo específico. A conclusão é o momento de pensar nas propostas de intervenção, ou seja, é o instante em que se pode propor, para autoridades responsáveis, ações que possam amenizar a grande problemática. Exponha-se o exemplo a seguir:

Quadro 5: Conclusão do Texto Dissertativo-Argumentativo



Conclusão

Diante do exposto, urge que o Governo e/ou instituições privadas responsáveis tomem providências em defesa da população, assim como reforcem o policiamento nas áreas de maior concentração urbana, as quais são as mais afetadas. Por último, solicita-se que haja campanhas de conscientização contra a Violência não apenas nas ruas, mas nas instituições das camadas mais pobres, como colégios, igrejas e comunidades.

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Fonte: quadro produzido por nós.

Neste exemplo de conclusão, percebemos que o autor já inicia com uma expressão que dá ideia de finalização, mas que reflete sobre o que foi dito anteriormente. “Diante do exposto” é uma expressão cujo tom valorativo tanto dialoga com o que foi dito

anteriormente, quanto abre espaço para novas ideias a serem construídas. Após isso, o autor propõe ações, por parte de autoridades responsáveis, no intuito de que sejam tomadas providências em prol do bem-estar da população.

O problema elencado de forma geral logo no início da dissertação, que era o alto índice de mortalidade de jovens no Nordeste do Brasil, e depois discutido com aprofundamento nos desenvolvimentos, ganha agora possíveis soluções.

3. Conclusão

A presente proposta assinala como um dos resultados fundamentais que as relações dialógicas se estabelecem entre as partes constitutivas do próprio texto, compreendidas como esferas enunciativo-discursivas do sujeito. Estas são essenciais para que haja apreensão da materialidade linguística do enunciado, no processo de sua composição, a partir do instante em que o sujeito-autor (os alunos em sala de aula) se utiliza de estratégias de escrita, em seu texto.

Ao construir o texto de forma pluridimensional, sempre relacionando a *Introdução* com o *Desenvolvimento* e a *Conclusão*, em que são utilizados os conteúdos de cada fragmento para complementar um ao outro, o autor consegue construir com precisão seus pensamentos, solidificando sua tese sob assuntos que fazem parte do assunto abordado. Vimos que o autor deve posicionar-se de forma firme perante seus leitores, demonstrando certeza do que fala. Isso, portanto, confirma a nossa hipótese.

No gênero discursivo “dissertação argumentativa”, o sujeito-autor cria (no ato da comunicação e da interação verbal) efeitos de sentido desejados para que os leitores alcancem uma compreensão da construção textual, uma vez o foco não está na mensagem, e sim no “como” a mensagem está sendo produzida. As análises corroboram a hipótese de que as relações dialógicas (intertextuais) na cadência do gênero discursivo trabalham em perspectiva da interação discursiva.

Apresentou-se a análise de trechos de uma redação dissertativa que atende aos princípios propostos pela teoria dialógica do discurso. Assim se dá o efetivo processo de constituição intersubjetiva no discurso educacional. As análises revelam que essa modalidade oferece aos participantes da sala de aula modos de interação entre autor, leitor e texto, e de produção de sentidos possíveis do texto em questão. Espera-se que a presente

proposta possa abrir novos horizontes para o discurso acerca dos gêneros no Brasil. Assim, esperamos que sirva de base para outros estudos em torno do texto dissertativo-argumentativo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria de Fátima (Org.). **Os movimentos discursivos do leitor na construção do sentido do texto na sala de aula**. João Pessoa – Editora da UFPB, 2013.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem / prefácio de Roman Jakobson; apresentação de Marina Yaguello; tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Texeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – 13. ed. – São Paulo: Hucitec, 2012a.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012.

BURNS, Edward Mcnall. **História da Civilização Ocidental** – do homem das cavernas até a bomba atômica. – Tradução de Lourival Gomes Machado, Lourdes Santos Machado, e Leonel Vallandro. – 2ª edição, volume 1. Editora Globo, Rio de Janeiro, 1979

FRANÇOIS, Frédéric. **Práticas do oral**: diálogo, jogo e variações das figuras do sentido. Trad. Lélia E. Melo Capapicuíba, São Paulo. Pró-fono, Departamento Editorial, 1996.

_____. **La communication inegale**. Heures et malheurs de l’interaction verbale. Neuchâtel, Délachaux et Niestlé, 1990.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O Método Formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. **Relações axio(dia)lógicas na arquitetura do discurso de Jesus acerca do pão da vida**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2017. p. 121